

**Jornadas de Enfermagem
da Escola Superior de Saúde do IPB**
Bragança, 7-8 de junho 2013



**Primeiras Jornadas de Enfermagem da Escola Superior de Saúde do
IPB**

LIVRO DE ATAS (EBOOK)

COORDENADORA: Maria Helena Pimentel

Colaboradores:

André Novo

Angela Prior

Carlos Magalhães

Celeste Antão

Eugénia Anes

Leonel Preto

Lúcia Pinto

Manuel Brás

Maria Augusta Mata

Maria Gorete Baptista

Maria José Gomes

Norberto Silva

FICHA TÉCNICA

Título

Primeiras Jornadas de Enfermagem da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança

Data

junho de 2013

ISBN: 978-972-745-159-3

Editora: Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança

Avenida D. Afonso V - 5300-121,

Bragança, Portugal

Tel: (+351) 273 303 200 / (+351) 273 330 950

Fax: (+351) 273 327 915

Este livro contém informações obtidas de fontes autênticas. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos é única e exclusivamente dos autores.

Os artigos publicados neste livro são propriedade da ESSa-IPB. Este livro ou qualquer parte do mesmo, não poderá ser reproduzido ou transmitido em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrónico ou físico ou por qualquer sistema de armazenamento de informação ou de recuperação, sem autorização prévia por escrito da ESSa-IPB.

Todos os direitos reservados.

ÍNDICE

A DEPRESSÃO EM DOENTES CRÓNICOS.....	9
Maria Gorete Baptista, André Pinto Novo, Maria Helena Pimentel	
ADESÃO À TERAPÊUTICA EM DIABÉTICOS DO TIPO II.....	25
Carina Neto de Carvalho, Catarina Andreia Oliveira Martins, Nelson Fernando Moreira Soares, Ricardo Jorge Miranda Rafael, Maria Isabel Barreiro Ribeiro, Isabel Cristina Jornal Freire Pinto	
ACIDENTES COM CRIANÇAS: PERCEÇÃO DE PAIS.....	39
Celeste da Cruz Meirinho Antão, Maria Augusta Pereira da Mata, Maria Filomena G. Sousa	
ADOLESCENTES: PERCEÇÃO DA AUTOIMAGEM.....	49
Maria Filomena G. Sousa, Maria Augusta Pereira da Mata, Celeste da Cruz Meirinho Antão	
ALEITAMENTO MATERNO: ARTIGO DE REVISÃO.....	59
Ana Maria Martins Morais, Sandra Cristina Mendo Moura	
ANÁLISE DAS ATITUDES DOS ENFERMEIROS FACE AO IDOSO, COM VISTA À TOMADA DE DECISÃO: O CASO DO DISTRITO DE BRAGANÇA..	71
Sandra de Fátima Gomes Barreira Rodrigues, Sandra Maria Fernandes Novo	
ANÁLISE SWOT DO CURSO DE ENFERMAGEM.....	85
Andreia Afonso, Cátia Pires, Telma Vaz, Eugénia Maria Garcia Anes	
ANÁLISIS DEL ÍNDICE DE SUICIDIOS EN LA PROVINCIA DE LEÓN (ESPAÑA) ENTRE LOS AÑOS 2000 Y 2010.....	94
Fernández, M.N., García, J.J., Díez, M.J., Sahagún, A.M., Díez, R., López, C., Sierra, M.	
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DO DOENTE MENTAL INSTITUCIONALIZADO.....	98
Maria de Fátima Pereira Geraldês, Eugénia Maria Garcia Jorge Anes, Sérgio Barrios	
AVALIAÇÃO DA SAÚDE MENTAL: RISCO DE SUICÍDIO NO IRC EM DIÁLISE.....	102
Eugénia Maria Garcia Jorge Anes, Maria Helena Pimentel, André Filipe Morais Pinto Novo	
AVALIAÇÃO DO ESTADO COGNITIVO DE UMA POPULAÇÃO INTERNADA NUMA UNIDADE DE CONVALESCENÇA DO DISTRITO DE BRAGANÇA.	117
Maria Isabel Barreiro Ribeiro, Ana Cristina Neves Duarte Nunes Barata, Luísa Elsa Magalhães Morais, Marco Paulo Correia Barata, Rui Miguel Soares Liberal	
AVALIAÇÃO DO RISCO DE DIABETES <i>MELLITUS</i> DO TIPO II EM COLABORADORES DE UMA SUPERFÍCIE COMERCIAL DO CONCELHO DE BRAGANÇA.....	125
Andreia do Rosário Esperança Monteiro, Cristiana Marlene Aragão Peredo, Sílvia Andreia da Silva Lopes, Maria Isabel Barreiro Ribeiro	
AVALIAÇÃO FUNCIONAL DE IDOSOS E SEUS CONTEXTOS DE ENVELHECIMENTO: ESTUDO DAS NECESSIDADES SENTIDAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA.....	134
Maria Patrocínia Ferreira Sobrinho Correia	
BURNOUT EM ENFERMEIROS DOS CUIDADOS CONTINUADOS.....	147
Laura Alves, Maria Gorete Baptista, Maria Helena Pimentel	
CAPACIDADE LABORAL E TRABALHO POR TURNOS: UM ESTUDO REALIZADO EM ENFERMEIROS.....	157
Adília Maria Pires da Silva Fernandes, Carlos Pires Magalhães, Celeste da Cruz Meirinho Antão, Eugénia Maria Garcia Jorge Anes, Maria Augusta Pereira da Mata, Maria Helena Pimentel, Maria Filomena Grelo Sousa	

HIPERTENSÃO ARTERIAL: DO DIAGNÓSTICO À INTERVENÇÃO NA COMUNIDADE DE BRAGANÇA.....	305
Carlos Pires Magalhães, Maria Helena Pimentel, Maria Augusta Pereira da Mata, Adília Maria Pires Fernandes	
IDENTIFICANDO O POTENCIAL EMPREENDEDOR EM SAÚDE.....	313
Maria Isabel Barreiro Ribeiro, António José Gonçalves Fernandes	
IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NUTRICIONAL NO DOENTE COM AVC.....	325
Leonel São Romão Preto, Pires, C	
INDICADORES DEMOGRÁFICOS POTENCIADORES DE RISCO EM SAÚDE NA POPULAÇÃO IDOSA DO DISTRITO DE BRAGANÇA.....	327
Maria Helena Pimentel, Maria Augusta Pereira da Mata, Adília Maria Pires Fernandes, Carlos Pires Magalhães, Maria Gorete Baptista	
O DOENTE COM VENTILAÇÃO MECÂNICA. PAPEL DO ENFERMEIRO NO POSICIONAMENTO EM DECÚBITO VENTRAL.....	332
Maria José Gomes, Elisabete de Fátima Dinis Diz	
O ENFERMEIRO GESTOR: QUE DIFICULDADES.....	339
Assis, C.I.C.F	
O IDOSO INSTITUCIONALIZADO: QUE QUALIDADE DE VIDA?.....	351
Catarina Alexandra Neves, Maria José Gomes	
O NÍVEL DE STRESSE NOS ENFERMEIROS: A REALIDADE DAS UNIDADES DE CUIDADOS CONTINUADOS DOS DISTRITOS DE BRAGANÇA E VILA REAL.....	361
Cristina Alexandra Sacras Morais, Maria Isabel Barreiro Ribeiro, Adília Maria Pires da Silva Fernandes	
OS JOVENS E A VIGILÂNCIA DA SAÚDE: FATORES DE SATISFAÇÃO RELACIONADOS COM O ATENDIMENTO.....	370
Maria Helena Pimentel, Adília Maria Pires da Silva Fernandes, Carlos Pires Magalhães	
PATOLOGIA ORAL E AVDS EM IDOSOS DIABÉTICOS.....	380
Teresa Lavandeira Pimenta, Maria José Gomes	
PLANEAMENTO EM SAÚDE: DIFERENTES CONCEITOS.....	389
Eugénia Maria Garcia Anes, Adília Maria Pires da Silva Fernandes, Celeste da Cruz Meirinho Antão, Carlos Pires Magalhães, Maria Augusta Pereira da Mata, Maria Helena Pimentel, Maria Filomena Grelo Sousa, Maria de Fátima Pereira Geraldés, Manuel Alberto Morais Brás, Sandra Cristina Mendo Moura, Maria Isabel Praça, Carina Ferreira	
PERFIL E FATORES DE RISCO PRESENTES EM DOENTES COM AVC ISQUÉMICO ADMITIDOS NUM SERVIÇO DE URGÊNCIA.....	397
Leonel São Romão Preto, Maria Isabel esteves, Ilda Maria Morais Barreira, Sílvia Delgado	
PREVENÇÃO DO SUICÍDIO.....	403
Laura Alves, Lia Marcos, Herculano, L.S.G.A.	
PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: FATORES DE RISCO E INTERVENÇÃO.....	407
Inês Diogo, Mariana Fernandes, Eugénia Maria Garcia Jorge Anes	
QUALIDADE NOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM: QUE REALIDADE?..	415
Sandra Cristina Mendo Moura, Morais, A.M., Pozzo, V.D., Manuel Alberto Brás, Eugénia Maria Garcia Jorge Anes	

IDENTIFICANDO O POTENCIAL EMPREENDEDOR EM SAÚDE

Maria Isabel Barreiro Ribeiro^{1,2}, António José Gonçalves Fernandes^{1,2}

¹Instituto Politécnico de Bragança

²Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento

RESUMO

Introdução: Segundo Bronosky (2008), as organizações de ensino superior têm vindo a sentir a necessidade de capacitar e motivar os alunos para iniciativas empreendedoras que gerem emprego e desenvolvimento económico. A identificação do potencial empreendedor e o seu aproveitamento posterior trará, segundo Hull *et al.* (1980), benefícios para a Sociedade. Teixeira & Davey (2011) referem variáveis sociodemográficas (género, idade, região de residência, entre outras) e variáveis de capital humano (curso, entre outras) como fatores diferenciadores desse potencial.

Objetivos: Analisar a capacidade empreendedora dos alunos da Escola Superior de Saúde de Bragança; e, verificar a existência de diferenças significativas no potencial empreendedor considerando fatores sociodemográficos e fatores de capital humano.

Material e métodos: Foi conduzido um estudo quantitativo, transversal observacional e analítico no qual participaram 121 alunos. A recolha de dados decorreu em novembro e dezembro de 2012 e envolveu o uso do *Entrepreneurial Potential Indicator* validado, para Portugal, por Ferreira *et al.* (2009). A maioria era do género feminino (84,3%); tinha, em média, 21,5 anos ($\pm 3,2$); estudava em regime ordinário (81,8%); vinha da região Norte (82,6%), vivia em meio urbano (51,2%) e frequentava o 1º ciclo (93,4%).

Resultados: Mais de metade dos inquiridos apresentou competências empreendedoras (63,6%). Ao nível de significância de 1%, verificou-se que as características empreendedoras que mais contribuíram para desenvolvimento do potencial empreendedor foram, por ordem de importância, o “Autocontrolo” ($r = 0,790$), a “Autoconfiança” ($r = 0,788$), a “Necessidade de realização” ($r = 0,776$), a “Propensão ao risco” ($r = 0,636$), a “Inovação” ($r = 0,620$) e, por fim, a “Tolerância à incerteza” ($r = 0,525$). Ao nível de significância de 5%, verificou-se a existência de diferenças significativas ($p = 0,022$) no potencial empreendedor tendo em consideração o curso, destacando-se o curso de Enfermagem com maior potencial. Verificou-se, ainda, que existia maior potencial empreendedor nos alunos oriundos do meio urbano ($p = 0,013$). Finalmente, a região não se mostrou diferenciadora das competências empreendedoras.

Discussão e Conclusão: A literatura descreve que algumas das competências empreendedoras podem ser inatas e outras aprendidas, desenvolvidas ou potenciadas através da educação e formação. Este estudo permitiu verificar que o curso e o meio onde residem são fatores que contribuem para o reforço ou desenvolvimento dessas competências nos estudantes.

Palavras-chave: Estudantes, Ensino superior, Saúde, Empreendedorismo

ABSTRAT

Introduction: According to Bronosky (2008), higher education organizations have been experiencing the need to empower and motivate students to entrepreneurial initiatives that generate employment and economic development. The identification of entrepreneurial potential and its further use will, according to Hull *et al.* (1980), result in benefits for society. Teixeira & Davey (2011) reported social and demographic variables (gender, age, region of residence, etc.) and human capital variables (degree course, etc.) as factors differentiating entrepreneurial potential.

Objectives: To analyze the entrepreneurial capacity of students from Health School of Braganza; and, to verify the existence of significant differences in the entrepreneurial potential of students considering social demographic and human capital factors.

Methods: A quantitative, cross-sectional, observational and analytical study was conducted that involved 121 students. For data collection, which took place from November to December 2012, it was used the *Entrepreneurial Potential Indicator* questionnaire validated for Portugal, by Ferreira *et al.* (2009). Most respondents were females (84.3%); had, in average, 21.5 years old (± 3.2); studying in ordinary regime (81.8%); came from the North region (82.6%); lived in urban areas (51.2%); and, attending a degree course (93.4%).

Results: More than half of respondents had entrepreneurial skills (63.6%). At the significance level of 1%, it was found that the entrepreneurial characteristics that contributed most to the development of entrepreneurial potential were, in order of importance, the "self-control" ($r = 0.790$); the "self-confidence" ($r = 0.788$); the "Need of achievement" ($r = 0.776$); the "risk propensity" ($r = 0.636$); "Innovation" ($r = 0.620$); and, finally, the "tolerance uncertainty" ($r = 0.525$). At a significance level of 5%, it was found that there are significant differences ($p = 0.022$) in the entrepreneurial potential considering the degree course, especially the nursing course with the greatest potential. It was, also, found that there was greater entrepreneurial potential in students from urban areas ($p = 0.013$). Finally, the region was not differentiating entrepreneurial skills.

Discussion and Conclusion: The literature describes that some entrepreneurial skills may be inborn and other learned, developed or potentiated through education and training. This study showed that the course and the environment where they live are factors that contribute to the strengthening and development of these skills in students.

Keywords: Students, Higher Education, Health, Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

Koh (1996), ao fazer um levantamento da literatura sobre empreendedorismo, concluiu que existe pouco consenso sobre o que é o empreendedorismo e o que faz um empreendedor.

Cunningham & Lischeron (1991) identificaram seis correntes de pensamento que definem e dão uma visão diferente do que é um empreendedor. A *Great Person School* define o empreendedor com uma pessoa que nasce com intuição, energia, vigor, persistência e autoestima; a *Classical School* reconhece no empreendedor a capacidade de inovação, criatividade e descoberta; para a *Management School*, o empreendedor é o indivíduo que organiza gere e assume riscos; a *Leadership School* vê o empreendedor como aquele que motiva orienta e conduz; a *Intrapreneurship School* visualiza o empreendedor como o gestor habilidoso de grandes organizações; e, a *Psychological Characteristics School* associa ao empreendedor valores únicos, atitudes e necessidades distintas.

Também, Deo (2005) descreve o empreendedor sob dois pontos de vista diferentes, o do economista e o do psicólogo. Para o economista, o empreendedor pode ser visto como aquele que está motivado para ser inovador, é agente de mudança e de criação de riqueza, acrescentando valor aos recursos e a outros ativos, introduzindo inovações na economia (Deo, 2005; Rwigema & Venter, 2004). Neste contexto, Acs *et al.* (2007) referem que os empreendedores geram empregos e inovações e intensificam a competitividade. Segundo Fillion (2000), o empreendedor é com frequência considerado uma pessoa que sabe identificar as oportunidades de negócios, os nichos do mercado e que, conseqüentemente, traz progresso. Por outro lado, Deo (2005) considera que, do ponto de vista de um psicólogo, o empreendedor é a pessoa que impulsionada por forças, tem a necessidade de obter ou conseguir algo, experimentar e realizar novos feitos. Por exemplo, Alves & Bornia (2011) defendem que o empreendedor tem características e traços de personalidade singulares em relação à população, os quais são propícios ao sucesso do empreendedorismo. Brockhaus & Horwitz (1986) consideram que um dos pré-requisitos essenciais do potencial empreendedor é a intenção de realizar e sobreviver. Apesar da intensa pesquisa que se tem feito, continua a ser difícil e desafiador definir e entender o empreendedorismo (Mitton, 1989). Da corrente de pensamento que se concentra na personalidade e nos traços psicológicos do indivíduo e, da vastidão de características potenciadoras do empreendedorismo relatadas na literatura, foram desenvolvidos e testados vários modelos para identificar o potencial empreendedor, onde se destacam, em todos eles, características particulares, tais como a necessidade de realização, o autocontrole, a propensão ao risco, a tolerância à incerteza, a autoconfiança e a inovação. Estas serão as características a abordar na presente investigação. Na perspectiva de Mitton

(1989), Markman & Baron (2003) e Curral *et al.* (2010), os indivíduos que possuem estas características terão uma maior tendência de virem a ser empreendedores no futuro.

Desta forma, os objetivos deste estudo envolvem a análise da capacidade empreendedora de uma amostra de 121 alunos da Escola Superior de Saúde de Bragança; e, a verificação da existência de diferenças significativas no potencial empreendedor dos alunos considerando fatores sociodemográficos e fatores de capital humano.

Para o efeito, desenvolveu-se o presente trabalho que se estruturou em quatro secções, nomeadamente, a introdução, material e métodos, resultados e, finalmente, a discussão e conclusão. Na presente secção, apresentam-se os objetivos, justifica-se o estudo, estrutura-se o trabalho e realiza-se a revisão da literatura de forma a enquadrar, teoricamente, o tema em estudo. A segunda secção descreve a metodologia utilizada para realizar esta investigação, ou seja, os participantes, os materiais e os procedimentos. A terceira secção apresenta os resultados da análise estatística. Na quarta e última secção discutem-se os resultados apresentados e tecem-se as considerações finais.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste estudo adotou-se uma metodologia de investigação quantitativa, analítica, transversal e observacional. Tratou-se de um estudo centrado na análise do potencial empreendedor de uma amostra de alunos da Escola Superior de Saúde de Bragança, no qual se propôs verificar a existência de diferenças significativas no potencial empreendedor desses alunos considerando a região de proveniência, o local de residência e o curso.

Para levar a cabo o estudo foi recolhida uma amostra aleatória de 121 alunos no período de novembro a dezembro de 2012. Para o efeito, foi utilizado o questionário *Entrepreneurial Potential Indicator* validado, para Portugal, por Ferreira *et al.* (2009). O questionário foi concebido no *Google Docs* e administrado, diretamente, aos alunos por via eletrónica. Este questionário considera seis características empreendedoras (Tabela1) que resultam de 15 atitudes avaliadas através de uma escala de *Likert* de 1 a 5, em que: 1- Discordo plenamente; 2 - Discordo um pouco; 3 - Nem concordo nem discordo; 4 - Concordo; e, 5 - Concordo plenamente.

Tabela 1 – Características e atitudes empreendedoras

Características	Atitudes
Propensão ao risco	Poder-me-ia descrever como um apostador
	Acredito que incorro em grandes riscos mais do que as pessoas em geral
	Não começo nada sem antes ter um plano de acção
	Tenho sempre meu dinheiro debaixo de vista
	Tomo sempre decisões racionais
Necessidade de realização	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente
	Sou bem-sucedido em ultrapassar desafios e problemas
	Uma vez iniciado um projeto sigo em frente até ao fim
	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem
Autocontrolo	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente
	Faço uma distinção clara entre trabalho e lazer
	Acredito que fazemos a nossa própria sorte
Autoconfiança	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente
	Frequentemente, sigo as minhas intuições
	Sou bem-sucedido em ultrapassar desafios e problemas
	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem
Inovação	Sou uma pessoa com ideias e soluções distintas e novas
Tolerância à incerteza	Desencorajo-me facilmente quando as coisas não funcionam à minha maneira
	Não começo nada sem antes ter um plano de acção
	Tenho facilidade para lidar com situações ambíguas
	Tomo sempre decisões racionais

Koh (1996) e Ferreira *et al.* (2009) apresentam as seguintes definições para as características que constam da Tabela 1.

- A necessidade de realização é uma característica encontrada em indivíduos com um forte desejo de serem bem-sucedidos e são, conseqüentemente, mais propensos a atitudes empreendedoras.
- O autocontrolo é uma característica ligada à percepção dos indivíduos acerca do rumo da sua própria vida. Assim, indivíduos com autocontrolo acreditam que são capazes de controlar o rumo de suas vidas, enquanto os que não possuem autocontrolo acreditam que os eventos das suas vidas são causas de fatores externos, como a sorte ou o azar.
- A propensão ao risco é uma característica ligada aos indivíduos cujas atitudes se orientam em direção à tomada de decisão em contexto de incerteza.
- A tolerância à incerteza está subjacente a situações ambíguas nas quais a informação é insuficiente. Indivíduos capazes de perceberem estas situações e organizarem a informação disponível para então atuarem são dotados da característica referida.
- A autoconfiança é uma característica ligada à percepção positiva e confiante de um indivíduo sobre si próprio, sobre suas capacidades e habilidades.

- A inovação está relacionada com a procura e desenvolvimento de atividades novas ou de novas formas de desenvolve-las.

Os dados recolhidos foram tratados no SPSS 20.0 (*Statistical Package for Social Sciences*). O tratamento estatístico dos dados envolveu o uso da estatística descritiva com o objetivo de caracterizar a amostra. Para isso, recorreu-se ao cálculo de frequências absolutas e relativas sempre que as variáveis eram nominais; e, ao cálculo da média (medida de tendência central) e desvio-padrão (medida de dispersão) sempre que as variáveis eram ordinais ou superiores (Maroco, 2003; Pestana & Gageiro, 2002). Por se tratar de um estudo analítico, recorreu-se à aplicação de testes estatísticos de localização para verificar se existiam diferenças, estatisticamente, significativas entre as amostras; e, a testes de associação para verificar a forma como o potencial empreendedor estava correlacionado com as características empreendedoras consideradas (Maroco, 2003; Pestana & Gageiro, 2002).

Para comparar o potencial empreendedor foram usados testes não-paramétricos uma vez que as condições requeridas para o uso de testes paramétricos não estavam reunidas. Efetivamente, quando testada a normalidade dos dados com recurso ao teste de *Kolmogorov-Smirnov* com a correção de *Lilliefors* ($N \geq 30$) ou teste de *Shapiro-Wilk* ($N < 30$) e a homogeneidade das variâncias com recurso ao teste de *Levene* verificou-se quem pelo menos uma das condições era violada (Maroco, 2003; Pestana & Gageiro, 2002). Pelas razões apontadas, segundo Maroco (2003) e Pestana & Gageiro (2002), deve utilizar-se o teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* sempre que as comparações envolvam apenas duas amostras (género, idade, região de proveniência, meio de residência); e, o teste de *Kruskal-Wallis* quando a comparação envolva mais de duas amostras (curso e ano frequentado).

Para estudar a correlação do potencial empreendedor com as dimensões de empreendedorismo foi possível utilizar o teste *r – Pearson* uma vez que a condição de aplicação deste teste, a que se referem Maroco (2003) e Pestana e Gageiro (2002), se verificou (normalidade dos dados).

Os participantes no estudo apresentavam as características que podem observar-se na Tabela 2. Como pode ver-se, a maioria dos respondentes era do género feminino (84,3%); tinha entre 18 e 21 anos (67,8%) a que corresponde uma média de 21,5 anos ($\pm 3,2$); estudava em regime ordinário (81,8%); vinha da região Norte (82,6%), vivia em meio urbano (51,2%) e frequentava o 1º ciclo (93,4%).

Tabela 2 – Características dos participantes

Grupos	Frequências	
	Relativas (%)	Absolutas (N)
Gênero		
Feminino	84,3	102
Masculino	15,7	19
Classes etárias		
18 a 21anos	67,8	82
≥ 22 anos	32,2	39
Regime de frequência		
Ordinário	81,8	99
Trabalhador-estudante	18,2	22
Região de proveniência		
Norte	92,6	100
Outra	7,4	21
Meio de residência		
Rural	48,8	59
Urbano	51,2	62
Ciclo de estudos		
1º ciclo (licenciatura)	93,4	113
2º ciclo (pós-graduação, mestrado)	6,6	8
Curso		
Farmácia	15,7	19
Análises Clínicas e de Saúde Pública	25,6	31
Dietética e Nutrição	9,1	11
Gerontologia	13,2	16
Enfermagem	29,8	36
Mestrado/pós-graduação	6,6	8
Ano		
1º	28,9	35
2º	18,2	22
3º	28,9	35
4º	23,1	28
NR	0,8	1

RESULTADOS

De acordo com os resultados, mais de metade dos inquiridos apresentou competências empreendedoras (63,6%).

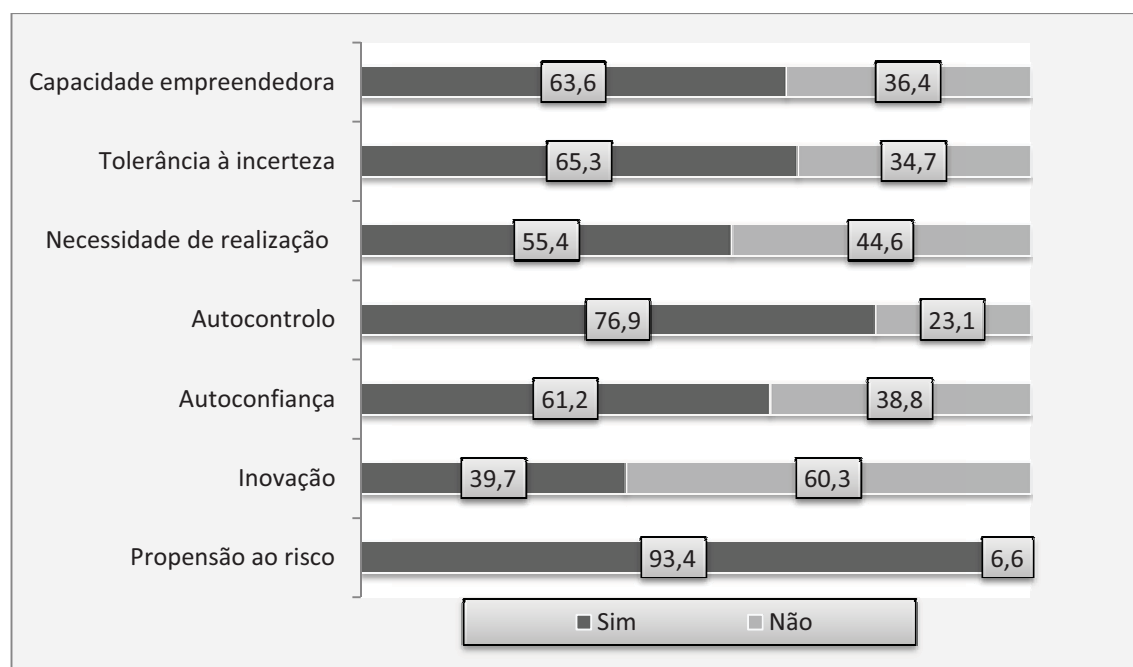


Figura 1 – Características e capacidade empreendedora dos alunos (%)

Como pode ver-se na Tabela 3, as médias registadas para cada uma das características consideradas, designadamente, Propensão ao risco, Inovação, Autoconfiança, Autocontrole, Necessidade de realização e Tolerância à incerteza rondam o valor 3 considerado satisfatório.

Tabela 3 – Correlações das características com a capacidade empreendedora

Características	<i>r - Pearson</i>	Média	Desvio-Padrão
Propensão ao risco	0,636*	2,99	0,527
Inovação	0,620*	3,22	0,851
Autoconfiança	0,788*	3,08	0,735
Autocontrole	0,790*	3,11	0,839
Necessidade de realização	0,776*	3,00	0,782
Tolerância à incerteza	0,525*	3,13	0,551

* Correlações significativas ao nível de significância de 0,01.

O teste *r - Pearson* permitiu verificar, ao nível de significância de 1%, que as características empreendedoras que mais contribuíram para desenvolvimento do potencial empreendedor foram, por ordem de importância, o “Autocontrole” ($r = 0,790$), a “Autoconfiança” ($r = 0,788$), a “Necessidade de realização” ($r = 0,776$), a “Propensão ao risco” ($r = 0,636$), a “Inovação” ($r = 0,620$) e, por fim, a “Tolerância à incerteza” ($r = 0,525$).

O teste de *Kruskal-Wallis* permitiu verificar, ao nível de significância de 5%, a existência de diferenças significativas ($p\text{-value} = 0,022$) no potencial empreendedor tendo em consideração

o curso, destacando-se o curso de Enfermagem com maior potencial (*Mean rank* = 74,63), como pode ver-se na Tabela 4. O mesmo teste permitiu verificar que o potencial empreendedor não varia consoante o ano frequentado (*p-value* = 0,169).

O teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* permitiu verificar a existência de diferenças, significativamente, diferentes quando o regime de frequência foi tido em consideração (*p-value* = 0,010). Como pode ver-se na Tabela, os alunos com estatuto de trabalhador-estudante tinham maior potencial empreendedor (*Mean rank* = 78,05). Finalmente, quando comparado o potencial empreendedor tendo em consideração o ciclo de estudos, não foram encontradas diferenças significativas (*p-value* = 0,057)

Tabela 4 – Potencial empreendedor segundo alguns fatores de capital humano

Fator	Categorias	N	Mean rank	p-value
Curso	Farmácia	19	56,47	0,022*
	Análises Clínicas e de Saúde Pública	31	55,74	
	Dietética e Nutrição	11	48,77	
	Gerontologia	16	65,47	
	Enfermagem	36	74,63	
	Mestrado/pós-graduação	8	38,69	
Regime de frequência	Ordinário	99	57,21	0,010*
	Trabalhador-estudante	22	78,05	
Ciclo de estudos	1º Ciclo (licenciatura)	113	62,58	0,057
	2º Ciclo (pós-graduação, mestrado)	8	38,69	
Ano	1º	35	49,87	0,169
	2º	22	52,66	
	3º	35	66,97	
	4º	28	64,00	
	NR	1		

* Diferenças significativas ao nível de significância de 0,05.

Como pode ver-se na Tabela 5, o teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* permitiu verificar que o potencial empreendedor era, estatisticamente, diferente quando o meio de proveniência é tido em consideração (*p-value* = 0,013). Efetivamente, verificou-se que o potencial empreendedor era maior nos alunos oriundos do meio urbano (*Mean rank* = 64,31). Quando comparado o potencial empreendedor tendo em consideração o género (*p-value* = 0,192); a classe etária (*p-value* = 0,688); e, a região de proveniência (*p-value* = 0,628) verificou-se que estes fatores não são diferenciadores das competências empreendedoras.

Tabela 5 – Potencial empreendedor segundo alguns fatores sociodemográficos

Fator	Categorias	N	Meanrank	p-value
Gênero	Feminino	102	59,24	0,192
	Masculino	19	70,45	
Classes etárias	18 a 21anos	82	60,13	0,688
	≥ 22 anos	39	62,82	
Região de proveniência	Norte	100	58,05	0,628
	Outra	14	53,57	
Meio de residência	Rural	59	57,52	0,013*
	Urbano	62	64,31	

* Diferenças significativas ao nível de significância de 0,05.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Este estudo permitiu verificar que a maioria dos alunos inquiridos tem capacidade empreendedora. Autocontrole, Autoconfiança e Necessidade de realização foram as características identificadas como aquelas que mais contribuem para o potencial empreendedor dos alunos. Por seu lado, a Tolerância à incerteza foi a característica identificada como a que menos contribui. Esta situação poderá ser melhorada através de ações de formação que permitam desenvolver competências ao nível do planeamento e da tomada de decisão no sentido de facilitar a elaboração de planos de ação e a tomada de decisão racional; e, competências que permitam lidar com situações ambíguas e, em simultâneo, aprender a lidar com os reveses que fazem parte de qualquer processo empreendedor.

A literatura descreve que algumas das competências empreendedoras podem ser inatas e outras aprendidas, desenvolvidas ou potenciadas através da educação e formação (Kyro, 2006). Minuzzi *et al.* (2007) argumentam que o fomento do empreendedorismo tem tido destaque por entidades que compreendem a disseminação da cultura empreendedora para o progresso de uma nação, designadamente, as instituições de ensino superior. O ensino, em geral, e o ensino superior, em particular, tem um papel fundamental na transmissão e na adaptação das metodologias de ensino do empreendedorismo às necessidades e circunstâncias dos estudantes e às exigências das futuras profissões no contexto das necessidades da economia (Keogh & Galloway, 2004). O empreendedorismo académico é, atualmente, considerado um veículo fundamental para aumentar a criação de novos negócios e gerar riqueza. Devem, por isso, as organizações de ensino superior concentrar-se no desenvolvimento do conceito, na aquisição de *know-how* e não apenas na simples transmissão de conhecimentos (Filion, 2000).

Os resultados desta investigação mostraram que, dos fatores de capital humano, o curso (enfermagem) e o regime de frequência (trabalhador-estudante) são fatores diferenciadores do

potencial empreendedor. Por seu lado, o meio de residência (urbano) revelou ser o fator sociodemográfico diferenciador do potencial empreendedor. Finalmente, fatores sociodemográficos como o género, a idade e a região de proveniência; e, fatores de capital humano como o ano e o ciclo de estudos revelaram não exercer qualquer influência no potencial empreendedor dos alunos. Relativamente ao género e à idade, os resultados obtidos nesta investigação são semelhantes aos encontrados por Koh (1996).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acs, Z., Desai, S. & Klapper, L. (2008), *What does Entrepreneurship data really show? A comparison of the global entrepreneurship monitor and the World Bank Group Datasets*, World Bank, Policy Research Working paper Series 4467.
- Alves, L. & Bornia, A. (2011), Desenvolvimento de uma escala para medir o potencial empreendedor utilizando a Teoria da Resposta ao Item (TRI), *Gestão & Produção*, 18 (4): 775-790.
- Brockhaus, R. & Horwitz, P. (1986), The psychology of the entrepreneur, in D. Sexton D. & R. Smilor (Eds), *The Art and Science of Entrepreneurship*, Ballinger, Cambridge, MA.
- Bronosky, M. (2008), A intenção empreendedora no ambiente universitário: caso unicentro, *Revista Capital Científico*, 6 (1): 245-260.
- Cunningham J. & Lischeron, J. (1991), Defining entrepreneurship, *Journal of Small Business Management*, 29: 45-61.
- Curral, L., Caetano, A. & Santos, S. (2010), Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo. Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9 (4): 2-14.
- Deo, S. (2005), *Challenges for small business entrepreneurs: A study in the Walka Region of New Zealand*, Small Business Advancement National Centre, University of Arkansas.
- Ferreira, A., Fonseca, L. & Santos, L. (2009), “Serão os ‘estudantes empreendedores’ os empreendedores do futuro? O contributo das empresas juniores para o empreendedorismo”, *FEP Working Papers*, Nº 333.
- Filion, J. (2000), Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares, *Revista de Administração de Empresas Light*, 7 (3): 2-7.
- Hull, D., Bosley, J. & Udell, G. (1980), Renewing the hunt for the heffalump: identifying potential entrepreneurs by personality characteristics, *Journal of Small Business Management*, 18 (1):11-18.

- Keogh, W. & Galloway, L. (2004), Teaching enterprise in vocational disciplines: reflecting on positive experience, *Management Decision*, 42 (3/4): 531-541.
- Koh, H. (1996), Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics: A study of Hong Kong MBA students, *Journal of Managerial Psychology*, 11 (3): 12-25.
- Kyro, P. (2006), “Entrepreneurship Education and Finnish Society”, Working Papers in Economics, 21 (149-154): 63-80.
- Markham, G. & Baron, R. (2004), Person-entrepreneurship fit: Why some people are more successful as entrepreneurs than others, *Human Resource Management Review*, 13 (2): 281-301.
- Maroco, J. (2003), *Análise Estatística com utilização do SPSS*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Minuzzi, J., Santos, P., Lezana, A. & Filho, N. (2007), Intenção empreendedora em alunos de Engenharia de Produção: Uma análise com uso de regressão logística, *Anais do XXVII Encontro Nacional de Engenharia da Produção*, Foz do Iguaçu, Brasil, 1-9.
- Mitton, D. (1989), The complete entrepreneur, *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 13: 9-19.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2002), *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Rwigema, H. & Venter, R. (2004), *Advanced entrepreneurship*, Oxford University Press.
- Teixeira, A. & Davey, T. (2010), Attitudes of Higher Education students to new venture creation: a preliminary approach to the Portuguese case, *Industry and Higher Education*, 24 (5): 323-341.